

Casas de escritores: enlaces da literatura, património e turismo cultural*

José Cândido de Oliveira Martins**

*A man's house is his castle et domus sua cuique tutissimum refugium.
The house of every one is to him as his castle and fortress, as well
for his defence against injury and violence as for his repose.*

Sir Edward Coke (1552-1634), jurista inglês

Há ideias originais e realizações afortunadas, e esta é seguramente uma delas – a de escrever uma obra sobre as casas de escritores no Minho é um bom exemplo de um projecto editorial amplamente justificado e prometedor. Para esta realização reuniram-se um autor, o jornalista Secundino Cunha (2007), responsável pelo texto; um fotógrafo atual, Sérgio Freitas; e um editor ousado, José Manuel Costa, da Opera Omnia. Oxalá esta seja a primeira de outras obras congéneres, a editar em Portugal, preenchendo assim uma grande e incompreensível lacuna editorial e cultural.

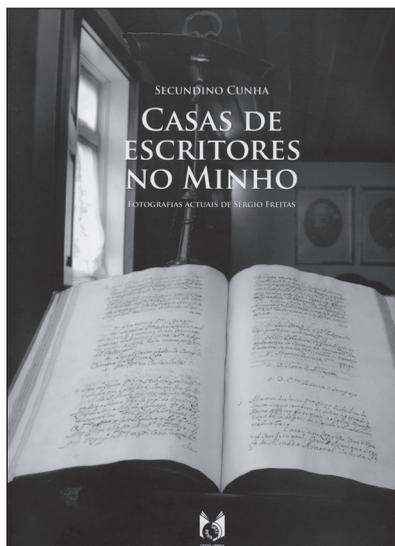
Infelizmente, quando não somos herdeiros de nenhuma casa de escritor afamado, não poderemos falar em vivo registo memorialístico, como acontece com

* Texto revisto da intervenção no lançamento da obra *Casas de Escritores no Minho*, de Secundino Cunha, sessão ocorrida na Casa Museu Nogueira da Silva, Braga, a 13 de dezembro de 2007, por iniciativa da Biblioteca Pública de Braga.

** Docente e investigador da Universidade Católica Portuguesa (Braga).

vários descendentes vivos de algumas destas casas. Porém, como muitos dos potenciais leitores desta obra, não resistimos ao fascínio de visitar casas de escritores como estas da nossa região, ou outras, quer em Portugal quer noutros países. E lembramos o interesse com que, até em certa imprensa periódica, lemos as publicações que fazem (ou faziam) referência às casas de escritores e à sua relevância, como uma saudosa crónica mensal da revista *Magazine Littéraire*, intitulada precisamente “Maisons d’écrivains”; ou textos esparsos da nossa revista *Ler*. Existem mesmo magníficos álbuns sobre casas de escritores, como o como *Writer’s Houses*, de Francesca Premoli-Droulers (1995); *Writers’ Houses and the Making of Memory*, de Harald Hendrix (2007). Como seria de esperar, em Portugal desconhecemos que exista algo semelhante, infelizmente. Dada a riqueza desta forma especial de património, é uma lacuna injustificável a vários títulos, sobretudo histórico-literário, turístico e cultural.

Ora, a nobre ocasião de lançamento em Braga desta obra, *Casas de Escritores no Minho*, não deve ser pretexto para lamentos, impressões pessoais ou evocações mais ou menos emocionadas e nostálgicas de visitas a casas desta natureza. Convida antes a que se apresentem algumas considerações muito breves, a pretexto do livro agora publicado – primeiro sobre a importância patrimonial das casas de escritores; segundo, sobre o particular significado desta obra em particular; terceiro, sobre o interesse turístico-cultural das casas de escritores.



1

Importância histórico-cultural das casas de escritores

*A minha casa é concha. Como os bichos
Segreguei-a de mim com paciência*

Vitorino Nemésio

A casa de um escritor é frequentemente um espaço personalizado e grávido de memória, de sedimentação afetiva e de intimidade; lugar sulcado de vestígios e de lembranças, de livros e de afectos, de história e de personagens; local privilegiado para a gestação de ideias e para a invenção da escrita; território de sonhos e fantasmas; espaço de respiração dos dias, mas também de luz e de trevas, irradiando luminosidade ou contagiando de penumbra.

Casa como espaço de memória afetiva e de conhecimento sobre quem a habitou: “Quero que conheça, o mais depressa possível, estes sítios da minha infância, esta paisagem dos meus versos, o Tâmega e o Marão. Enquanto os não conhecer, não me conhece”, escreveu Teixeira de Pascoaes. E em outro passo, do mesmo escritor: “Não tenho saído de casa. Não saio deste escritório e desta monotonia aldeã. Isto é uma espécie de música sonolenta e embaladora” (*apud* Ribeiro, 1997: 171). Pelo sugerido, nunca é demais realçar o interesse da casa do escritor ou homem célebre para o conhecimento da sua personalidade – gostos, obsessões, tendências:

L'intérêt que l'on attache à la découverte de la maison d'un homme célèbre, qu'il fût saint, homme d'État, chef de guerre, artiste, tient à la recherche d'une meilleure connaissance de sa personnalité. En découvrant le cadre où il a vécu, travaillé, aimé, souffert, on s'efforce de le comprendre davantage et, partant, de le mieux célébrer. Cette sorte de pèlerinage est particulièrement attachant dans le cas d'un écrivain, homme ou femme, car la maison et son environnement semblent l'intermédiaire obligé entre inspiration et écriture, alors qu'ils jouent pas forcément le même rôle pour un homme célèbre d'une autre discipline (Poisson, 1999: 3).

Por outras palavras, podemos falar em casas-retrato, na medida em que uma moradia de algum modo espelha quem a habitou, mais ainda se se trata de

um escritor. Neste sentido, se pode aceitar a categórica afirmação de Michel Tournier (2005: 58), em *Lieux Dits*: “(...) chaque homme trouve son portrait dans la maison qu’il a choisie et installé”. Um escritor habita uma casa e é habitado por ela. Uma casa, sobretudo tratando-se de um criador, é quase sempre habitada com intensidade, até à osmose íntima e espiritual: “Uma casa, para a possuímos, temos de nos confundir com ela” (Al Berto, 2001: 71). Só consciente deste pressuposto o visitante pode aproximar-se e fruir a alma da casa. Então sim, pode sentir-se imbuído de uma certa magia e até um halo de eternidade. No sentido em que a casa do escritor prolonga física e imaterialmente a memória do ser ausente. Casa sempre habitada por uma ausência presente; memória de papel, de imagens e de afectos; espaço essencial de vivências e de teofanias, onde quase tudo acontece: “Homens e deuses vivem no mesmo prédio / E às vezes encontram-se na escada” (J. Cocteau). Talvez também por isso, o poeta Ruy Belo tenha afirmado que uma casa é “a coisa mais séria da vida”.

Ao mesmo tempo, a casa de escritor não foge a um rico imaginário colectivo. Espaço de habitação e de proteção, uma casa é o microcosmos do homem, grande berço, ninho, refúgio; espaço de aconchego e de repouso, de devaneio e de sonho, como sustentado por Gaston Bachelard, em *Poética do Espaço*, nomeadamente quando se detém na rica simbologia das imagens da casa¹. Nas palavras deste pensador, devaneio imemorial dos escritores a nível poético, a casa é sempre o “nosso canto no mundo”. Por tudo isso, as casas de escritores são simultaneamente espaços de vivência quotidiana e de magia criadora; cenários de rotina diária e de inspiração mais ou menos torturada. E o encanto que provocam reside também nos olhos e na enciclopédia cultural de quem os admira, também eles contaminados pela envolvimento de um clima humano mais ou menos intenso; ou por leituras previamente feitas ou simplesmente adiadas. Enfim, lugares possuídos por uma presença que se sente com variável intensidade, que deixa rastros que podem ser apreciados e descritos².

Neste sentido, a casa de um escritor é mais do que a mera soma dos vários elementos que física e arquitetonicamente a compõe – escritório, biblioteca, salas, cozinha, os móveis, os *bibelots*, os objetos de arte, o “*démon du bric-à-brac*” de que falava Balzac. Ganha particular relevo o conjunto dos objetos decorativos e evocadores do espaço original: “L’accumulation des ‘souvenirs’ interesse le biographe en déroutant l’admirateur”, escreveu J.-P. Clébert (*apud* Poisson, 1997: 37).

É, por conseguinte, um conjunto de elementos sedimentados e uma atmosfera peculiar, tocados em maior ou menor grau pela personalidade e pela ação direta do escritor que a habitou. Neste âmbito, ganham especial ressonância os versos de Natália Correia (1993: 428) em “A Casa do Poeta” (de *A Mosca Iluminada*): “Casa que não se esconde atrás das portas / endereço de guerra redimida / roupa de amor a pingar sobre quem passa / renda que pago em sofrimento à vida”.

Na dialéctica de comunicação privado/público, a casa do escritor é o seu espaço concreto e individual do convívio familiar e íntimo, bem como lugar privilegiado de criação (na *oikia* ou *domus*, como diziam os antigos gregos e romanos); em contraposição com o espaço público da socialização, da política e da comunicação mediática (*ágora* ou *forum*, para usarmos de novo os termos e conceitos dos clássicos), hoje amplamente dominado pelos *media* audiovisuais e pelas novas tecnologias de comunicação informática, com a sua lógica financeira, industrial, globalizante e não territorial. Embora saibamos como a atual comunicação mediática tende a invadir o domínio do privado e o espaço da comunicação intersubjectiva, abolindo as referidas fronteiras das esferas do público/privado.

Neste cenário de profundas transformações, podem equacionar-se algumas dúvidas, a começar por esta: no âmbito desta nova cultura dominada por novas formas de escrita e de comunicação, condicionadas por novos hábitos e determinadas por novos poderes, desencadeando novas modalidades de mediação e de socialização, a casa do escritor continuará a ter, no futuro, o mesmo valor de espaço-memória que deteve durante séculos? Não se transformará também o escritor num profissional da nova *sociedade da informação*, absorvido pelas tecnologias da nova *ágora* digital, vivendo mais ou menos aleatoriamente em espaços urbanos sem história e tornando-se quer a sua escrita quer os espaços que ele habita em realidades desmaterializadas e sem rasto memorialístico?

Há muito tempo, mas hoje mais do que nunca, que as casas de escritores são lugares privilegiados de preservação de um variado património cultural e, desse modo, um espaço ímpar de memória sobre aqueles que as habitaram e a sua época. São, por isso, casas históricas de inegável valor patrimonial, num amplo sentido: quer porque espelham a vida histórica de figuras ilustres

que as habitaram, homens marcantes do seu tempo, tendo sido às vezes influentes espaços de convívio e de tertúlia; quer pela variedade sincrética do seu património (arquitectura, decoração, mobiliário, jardins e espaços envolventes, colecções artísticas – escultura, pintura, fotografia, cerâmica, etc.; objectos do quotidiano, bibliotecas, arquivos particulares, etc.; elementos do património imaterial: tradições, lendas, referências históricas); quer ainda porque as próprias casas espelham a diversidade de estilos arquitectónicos de sucessivas épocas, bem como os hábitos de vida ou o gosto estético-cultural de um período ou geração³.

Para além da considerável amplitude cronológica, lembremos, ao mesmo tempo, que há uma grande diversidade de casas de escritores: tanto podem ser palácios grandiosos, castelos imponentes, casas reais, ou casas mais ou menos modestas de habitação de homens públicos – intelectuais, escritores, políticos ou artistas. Basta olharmos para este conjunto de quinze casas de escritores do Minho para termos uma pequena amostra dessa diversidade, que vai desde a nobre casa nobilitada com brasão até à modesta casa de habitação ou de férias.

Também no que respeita ao estatuto e atual função das casas de escritores, podemos-nos deparar com uma considerável variedade tipológica: desde a casa-museu às casas-memória; passando pelas que ainda mantêm a funcionalidade de casas de habitação ou pelas que se converteram à funcionalidade de turismo de habitação. Essa profusão coincide com uma grande diversidade de casas e mesmo de estatutos legais. Algumas residências são particulares e administradas por indivíduos ou associações, e outras são hoje públicas.

Uma coisa é certa, independentemente de serem ou não reconhecidas como monumentos nacionais pela entidade da tutela, as casas de escritores são nobres espaços de memória histórica e patrimonial, de pessoas e de objectos, de ambientes e de épocas pretéritas. As casas de escritores são, deste modo, lugares habitados pela História, tornando-se insubstituíveis para a construção quer da nossa memória coletiva como nação; quer também para a compreensão dos escritores e das obras que habitaram esses lugares e nelas criaram artisticamente.

Desta sucinta nota de reflexão, decorre o imperativo kantiano do *dever da memória*, parafraseando um título do judeu Primo Levi (2010), dever que se aplica globalmente à preservação do património cultural, nas suas múltiplas manifestações. As casas de escritores são testemunhos vivos; e a sua cuidada manutenção constitui também, a seu modo, uma forma singular de cultura, contra a ignorância e contra a barbárie⁴.

2

Casas de Escritores no Minho: riqueza de um património

Na sua riqueza e diversidade, estas habitações objeto do roteiro proposto em *Casas de Escritores no Minho* são lugares privilegiados de evocação de catorze escritores marcantes da região, vários deles com inegável projecção nacional. Não só nos permitem reviver o passado, como potenciar o vivo interesse pelas obras das figuras ilustres que habitaram e moldaram esses espaços à sua imagem e semelhança. Estas casas materializam histórias vividas por homens de cultura que deixaram um sulco relevante no passado mais ou menos recente, com reflexos que perduram até aos nossos dias.

Retomando as palavras esclarecedoras de Vítor Aguiar e Silva (2007), e parafraseando um título feliz, “nos caminhos da memória e do saber” de uma região, estas casas de escritores integram, de pleno direito, “uma geopoética e uma antropologia literária do Minho”, juntamente com as obras dos autores que aqui viveram e escreveram. Não é possível a experiência estética da paisagem minhota enquanto percepção de um lugar contemplado pela nossa sensibilidade e memória cultural, sem ter em conta nessa representação dialógica a confluência de olhares e de discursos – de quem olha através de uma sensibilidade; e de quem contribuiu também para a criação de uma certa atmosfera de uma região, como é o caso dos escritores que a habitaram; e a própria paisagem não deixa de ser lida como um estado de alma – lemos a paisagem também através da leitura que dela fizeram os escritores.

Por outras palavras, o Minho que hoje apreciamos é também fruto das sucessivas recriações literárias traçadas sobretudo por escritores paisagistas, tendo alguns deles vivido justamente no espaço geográfico que tão poderosamente pintaram na sua escrita, como é o caso dos autores cujas habitações são estimulantemente apresentadas nesta edição das *Casas de Escritores no Minho*. Daí a oportunidade da ampla e sugestiva caracterização que Aguiar e Silva traça desta ímpar experiência estética da paisagem e, por maioria de razão, – acrescentamos nós – da paisagem enriquecida e habitada pelas casas de escritores:

A experiência estética da paisagem pode justificar-se em si mesma, como um prazer e um enriquecimento da sensibilidade e do espírito, pode gerar efeitos de terapia psicofisiológica viajar, ver novas terras e contemplar novas paisagens, pode ser remédio e cura para males da alma e do corpo –, mas pode também consubstanciar-se *poieticamente* em objetos artísticos. Na pintura, na poesia, no romance, no cinema, a representação da paisagem pode desempenhar uma função importante, quer pelos seus significados simbólicos e alegóricos, quer pelo efeito de real produzido. As representações artísticas da paisagem, quando alcançam influência e notoriedade num público de leitores e de espectadores, contribuem depois poderosamente para orientar e construir outras experiências estéticas da paisagem, pois que se interpõem, como filtros da memória e da cultura, entre o olhar de quem vê os lugares e espaços sobre os quais incide esse olhar (Aguiar e Silva, 2007: 9).

Com o charme de outras eras, a aura envolvente e a nostálgica magia que emanam, estas casas de escritores no Minho são guardiãs de atmosferas, de memórias e de pessoas, testemunhos vivos do passado. Estas casas de escritores têm uma inegável função reveladora, na medida em que nelas se respiram vivências e ambientes. Nesse sentido, as casas de escritores são também espaços que despertam a nossa imaginação e os nossos sentidos, envolvendo-nos emocionalmente, numa *sui generis* experiência estética.

Nesta saborosa e atraente obra, *Casas de Escritores no Minho*, através da palavra informativa e evocadora de Secundino Cunha; e da fotografia iluminadora e artística de Sérgio Freitas, o leitor é convidado a viajar na memória de catorze escritores que viveram e escreveram no Minho. As casa minhotas aqui evocadas pela palavra e pela imagem são as que pertenceram a Francisco Sá

de Miranda (Carrazedo), Camilo Castelo Branco (Seide), Teixeira de Queirós/Bento Moreno (Arcos de Valdevez), João Verde (Monção), Alfredo Pimenta (Guimarães), Luís de Almeida Braga (Gondarém), António Correia de Oliveira (Belinho), Conde de Aurora (Ponte de Lima), Tomás de Figueiredo (Arcos de Valdevez), Raul Brandão (Guimarães), Aquilino Ribeiro (Romarigães), António Pedro (Moledo), Pedro Homem de Melo (Afife) e Ruben A. (Montedor).

Quando falamos de artistas e escritores como estes, uma casa nunca é apenas uma casa. É um mundo pessoal e especular, um universo construído ou moldado pelo escritor que o habitou (diz-me onde vives e dir-te-ei quem és...); é um microcosmos que tantas vezes encerra uma vida inteira. Porque afinal, nós somos sempre a casa que habitamos, na medida em que nos projectamos nela.

Quando visitamos uma casa de um escritor, temos a sensação de sentir um cenário tocado por um certo *espírito do lugar* ou, como dizem os franceses, *le génie du lieu (genius loci)*⁵, de alguma maneira ligado à obra nele pensada e escrita. Neste sentido, podemos dizer que uma casa de escritor é também uma casa de memórias e de vivências, que se plasmam em maior ou menor grau na obra literária criada.

À imagem de outras casas, também as casas de escritores no Minho têm uma função reveladora dos criadores que as habitaram, do seu temperamento e do carácter, das suas ideias e paixões, até dos seus amores, ódios de estimação, ou manias especiais. Neste sentido, a casa é quase sempre o prolongamento de uma personalidade, o espelho do criador que nela viveu.

Como escreveu o autor de *Mau Tempo no Canal* ou de *O Paço do Milhafre*, citado em epígrafe, Vitorino Nemésio: “A minha casa é concha. Como os bichos segreguei-a de mim com paciência.” Ou de outro pensador, que refletiu sobre a simbólica do espaço e, conseqüentemente, da casa e dos seus diversos elementos constitutivos, à luz de arquétipos antropológicos: “La maison, plus encore que le paysage, est un état d’âme” (“A casa, mais ainda do que a paisagem, é um estado de alma”). Esta frase do citado filósofo e estudioso do imaginário literário, Gaston Bachelard (1983), lembra-nos que as residências dos escritores estão enraizadas não só na realidade histórica – uma região, uma época, com arquitectura, móveis, objectos pessoais –, mas também no

nosso imaginário, na nossa cultura e na nossa memória. O que de mais relevante acontece no normal processo criativo de um escritor, ocorre na sua casa, espaço de meditação e de leitura, de inspiração e de trabalho: "... é em casa que estamos verdadeiramente sós...", escreveu Marguerite Duras⁶.

Aliás, os escritores têm plena consciência da importância da casa, quer como espaço de habitação e de trabalho, quer mesmo como fecundo tema ou motivo literário. Basta atentar, no caso português, na quantidade de obras centrais do cânone literário que escolhem o tema da casa como alegoria simbólica da própria pátria: desde Almeida Garrett (*Viagens na Minha Terra* e *Frei Luís de Sousa*) ou Eça de Queirós (*Os Maias* ou *A Ilustre Casa de Ramires*), até Aquilino Ribeiro (*A Casa Grande de Romarigães*) ou Ruben A. (*A Torre de Barbela*), entre tantos outros. Como nos lembra perspicazmente o ensaísta de Eduardo Lourenço (1982: 89 ss.), muitas destas obras estão apostadas em pensar ontologicamente Portugal e o seu destino, inquirindo de várias formas a questão axial da nossa identidade coletiva: num registo alegórico-simbólico e num afã manifesto de autognose, é "(...) *Portugal que se interroga*, ou melhor, [que] Portugal se converte em permanente interpelação para todos nós"⁷.

Ao mesmo tempo, as casas de escritores constituem uma extensão da sua personalidade produtiva. Como escreveu a escritora francesa Marguerite Duras, na introdução ao livro *Maisons d'Écrivains*, "Les lieux où l'artiste a vécu et crée ne sont pas moins révélateurs que l'étude de son évolution intérieur ou que ses portraits". E em outro passo, reafirma-se a função insubstituível destes espaços de memória: "Ainsi, ces maisons d'artistes contribuent à faire la lumière sur la biographie d'hommes célèbres, car elles gardent les empreintes de la vie humaine"⁸. Por outras palavras, espelhando o prolongamento de uma personalidade, as casas dos escritores são um importante elemento informativo sobre o perfil singular de cada autor.

Por conseguinte, as casas dos escritores podem sempre iluminar o percurso biográfico destes homens célebres, na medida em que elas guardam as impressões palpitantes de uma vida humana ímpar. A história literária também se faz com a memória das casas de escritores, pois constituem um elemento da biografia de cada autor; e a biografia tem a relevância proporcional ao aumento de informação que acarreta sobre o conhecimento do escritor e das suas obras⁹.

3

Relevância para o turismo cultural

*Morei numa casa velha,
À qual quis como se fora
Feita para eu morar nela...*

José Régio

“Senhor, senhor, quer que eu lhe mostre a casa de um escritor muito famoso que nasceu em 1500?”, disse um dia um garoto a Jorge Amado (Saramago, 1994: 54). Para concluir, e pelo afirmando antes, enquanto espaços privilegiados e únicos de construção da memória histórico-cultural, quer a nível da personalidade individual dos seus proprietários, quer da memória coletiva, as casas de escritores têm-se convertido ao longo dos tempos em locais de culto, motivadores de visita por parte de viajantes com interesses culturais. Definitivamente, sendo um espaço de memória e um elemento de conhecimento sobre os seus autores, as casas de escritores transformaram-se legitimamente em objeto de culto, adquirindo por estas e outras razões um enorme potencial turístico-cultural, como sistematizado por Pedro Mexia (2005):

O culto pelas casas de escritores é compreensível. Uma casa constitui parte importante de um universo, porque todos os escritores viveram e escreveram numa determinada casa e nessa casa geralmente deixaram uma parafrenália de objectos que reconstituem um quotidiano e consubstanciam um arquivo. É por isso que muitas vezes se preservam, visitáveis, casas que pertenceram a autores importantes, numa espécie de museu uninominal que concentra a biblioteca, os papéis, os pertences mais carismáticos ou curiosos. E que promove actividades de estudo e celebração.

Nesta matéria de culto dos escritores e das suas casas, porém, temos de ser pragmáticos: não basta manterem-se casas de escritores (sendo isso condição *sine qua non*, obviamente); e existir um legítimo culto destes espaços histórico-culturais, sem cair em excessos de inútil fetichismo, de patológica morbidez ou necrofilia. Bem ao contrário, as casas de escritores são monumentos vivos

que falam da existência de pessoas que se immortalizaram pela obra intelectual e artística produzida, iluminando com esse gesto criativo a nossa humanidade e o nosso conhecimento do mundo.

Num tempo de acelerada globalização, de erosão da memória coletiva e de acentuada crise cultural; num momento em que se perdem múltiplas referências e marcas identitárias ao nível da história e da cultura dos povos, a cuidada preservação e sobretudo a dinamização das casas de escritores constituem desde logo uma forma nobre e formativa de contrariar essa tendência nefasta, historicamente amputadora e culturalmente bárbara.

Infelizmente, no caso particular desta região – sintomático do que se passa em outras partes do país –, certas vicissitudes familiares, algum descuido de descendentes e a indesculpável incúria de instituições públicas levaram a que não tenhamos hoje outras casas de escritores minhotos; ou impedem que estas aqui descritas não estejam todas no estado desejável, ou não tenham todas o dinamismo cultural que se deseja.

Neste sentido, esta publicação é simultaneamente uma homenagem a grandes espíritos que viveram e escreveram no Minho; mas também uma séria chamada de atenção dos responsáveis da nossa política cultural, a nível da região e sobretudo de âmbito nacional. Infelizmente, entre outros casos mais ou menos conhecidos¹⁰, a referida polémica demolição da casa em que morou Almeida Garrett, em Lisboa, não augura talvez um futuro muito risonho, pelo que revela da sensibilidade dos políticos responsáveis¹¹. Porém, há bons exemplos que podem dinamizar os outros – como o da Casa-Museu de Camilo em S. Miguel de Seide (Famalicão), que foi galardoada com o Prémio Melhor Museu Nacional, atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia (APOM) para o ano de 2006.

Ora, como sugerido e nunca é demais enfatizar, as casas de escritores são lugares de memória, indispensáveis no que diz respeito à identidade individual e coletiva. Sabemos que a este nível não há sobrevivência de uma comunidade ou de um povo sem memória, base fundacional da identidade, memória acarinhada, cultivada e reelaborada continuamente. Além disso, o património do passado sempre ilumina o presente de vários modos e ajuda a perspetivar o futuro, cimentando diversas formas de pertença e de indispensável entrosamento coletivo¹².

Assinalada a importância histórica e patrimonial das casas de escritores, é legítimo que se retirem outras importantes ilações, nomeadamente de uma pensada política cultural. E entre estas, ressaltaria a necessidade da intervenção de instituições públicas, no processo de conservação e de exploração das casas de escritores. Ao mesmo tempo, as casas de escritores podem e devem constituir-se como espaços abertos de comunicação com diversos públicos, desde logo dos estudantes das escolas básicas, secundárias e universitárias; mas também, e sobretudo, de muitos milhares de turistas que nos visitam anualmente, cada vez mais cansados do estereotipado “pacote” de praias e hotéis sempre iguais, e, por isso, mais ávidos por um turismo que mostre as originalidades de um povo e da sua história, podendo assim aliar a cultura, o património arquitectónico, a literatura, a gastronomia e as belezas da paisagem nacional.

Por conseguinte, reforçando a ideia do interesse para conhecimento da vida e obra dos escritores e da sua época histórica, as casas dos escritores poderiam (deveriam) constituir um grande polo agregador de turismo nacional e sobretudo estrangeiro, interligando o conhecimento de diversas formas de património (histórico-cultural, arquitectónico, paisagístico, gastronómico, etc.).

A curiosidade natural sentida por muitos leitores em relação à pessoa que se esconde por detrás de uma obra literária pode ser aproveitada para levar os estudantes, os curiosos e os turistas a conhecer melhor os grandes escritores. Neste âmbito, e em alguns casos com o apoio das Direcções Regionais do Ministério da Cultura, já se vêm concretizando propostas de passeios pelas casas e pelas regiões que ficaram ligadas à vida de alguns ficcionistas e poetas portugueses¹³.

Basta olhar para o que se faz em vários países da Europa, a começar por Espanha ou França, na dinamização das casas de escritores, sejam elas casas-museus ou outra modalidade¹⁴. Porém, neste campo entre nós, há ainda imenso a fazer, quando comparamos a nossa realidade com o que acontece nas boas práticas da política cultural noutros países: faltam apoios institucionais para o restauro e a manutenção das casas de escritores; faltam boas publicações sobre a riqueza patrimonial e cultural das casas de escritores em Portugal, sob a forma de guias individuais ou mesmo de obras coletivas; faltam associações

das casas de escritores que, com dinâmico profissionalismo, explorem em rede o enorme potencial turístico que estas instituições culturais representam¹⁵.

Definitivamente, as casas de escritores constituem *lugares de memória* ímpares e, por conseguinte, espaços imprescindíveis em qualquer guia turístico-cultural que se preze desse nome, para desse modo, portugueses e estrangeiros empreenderem uma desejável peregrinação cultural. Só uma política cultural e turística de vistas curtas e manifestamente auto-suicida é que não tem em devida conta a inquestionável relevância das casas de escritores em tudo quando é roteiro turístico, conhecidas as mais-valias culturais e económicas desse trabalho urgente e esclarecido.

Movimentando milhões de pessoas e de euros, a atual indústria do turismo transformou cada ser humano num turista potencial. Num mundo em permanente mutação, o turismo é uma das atividades em maior crescimento, beneficiando quer das novas infra-estruturas de comunicação, quer das recentes tecnologias da informação. O tradicional burguês mais ou menos endinheirado e excêntrico, movimentando-se em diligências ou caminhos de ferro, deu lugar ao homem comum que hoje gosta de viajar de várias formas e de assim conhecer o mundo em múltiplos itinerários – as cidades e as montanhas, os rios e o mar, os monumentos históricos (igrejas, museus, casas de escritores ou de artistas, mercados, jardins, etc.) e outras formas de património cultural (artes, festivais, folclore, gastronomia, etc.) –, como nos mostra o informado panorama histórico-cultural de Catherine Bertho-Lavenir (2009), *La roue et le stylo (Comment nous sommes devenus touristes)*. Com toda uma indústria devidamente organizada (aeroportos, hotéis, agências de viagens, rotas, guias, ...), viajar tornou-se cada vez mais fácil e atraente. Sobretudo ao nível sociológico, as atuais cultura de lazer e a obsessão da viagem originaram mesmo um influente *imaginário turístico*, notavelmente caracterizado por Rachid Amirou (2012: 13), com uma evidência inequívoca: “le tourisme est une manifestation essentielle de la culture de masse”.

Definitivamente, acompanhando a evolução da técnica, as férias e os tempos livres – versão moderna do *dolce far niente* – tornam-se, sobretudo ao longo do séc. XX, sinónimo de viagens e de prazer, num imperativo comportamental em que todos nos transformamos, prazenteiramente, em ávidos e insaciáveis turistas, abertos a novas formas de viagem e a diversos apelos de destino,

sem fronteiras nem limites. Enfim, “le tourisme devient un projet économique global” (Bertho-Lavenir, 2009: 11), impregnando-se profunda e naturalmente na nossa vida quotidiana, num variado conjunto de hábitos e práticas, representações e valores.

A terminar, não podemos deixar de dar os parabéns aos responsáveis por esta bela publicação, *Casas de Escritores no Minho* – autor, fotógrafo e editor. Mesmo as pessoas refratárias ao que as casas de escritores representam (quando defendem a primazia da obra publicada em detrimento do espaço habitado, como se fossem realidades incompatíveis), não ficarão indiferentes ao fascínio que estes espaços representam. Na introdução à edição francesa de *Maisons d'Écrivains*, Marguerite Duras lembrava que são lugares privilegiados, primeiro de imaginação e de criação, depois de memória e de evocação: “Elles ont été le lieu de libération du génie, le décor favorable à l'éclosion de l'oeuvre”.

Notas

¹ No imaginário poético-literário, a casa é quase sempre lugar de abrigo, concha protetora, ninho e centro do mundo, imagem da intimidade e da memória, território de segredos e de relativa quietação, espaço primordial das raízes numa determinada geografia, como lembrado por Gaston Bachelard – “il semble que l'image de la maison devienne la topographie de notre être intime”, a propósito da analogia simbólica entre a casa e a intimidade, seguindo a fenomenologia simbólico-literária de *Poétique de l'Espace* (Bachelard, 1983: 18-19).

² Como acontece em *Casas d'Escritas*, de Paula de Oliveira Ribeiro (1997), pintando-se os lugares e os silêncios das casas habitadas e impregnadas por alguns escritores portugueses contemporâneos, através de textos literários e de imagens fotográficas (de João Francisco Vilhena). Por isso, afirma o prefaciador, Eduardo Prado Coelho: “Porque as casas são o enraizamento mais obstinado do romanesco e são também, na folha dobrada de qualquer livro, o momento lírico da mais solar das evidências”.

³ Cf. Gaspar Martins Pereira, “Casas-históricas museus: património, memória e desenvolvimento”, conferência apresentada no âmbito do 6.º Encontro do Comité dos Museus – Casas Históricas do ICOM-DEM HIST, em 2005.

⁴ É neste contexto que se compreende a indagação de todos os que censuram frontalmente os poderes públicos pelo descaso ou por comportamentos de lesa cultura, como aconteceu

recentemente com uma casa lisboeta em que viveu Almeida Garrett. Este exemplar episódio desencadeou alguma reação polémica, merecendo o repúdio de escritores como José Augusto França e Mário Cláudio (2007: 11-15, 27), para quem a casa de um escritor, além de “local dignamente evocativo”, é (quase) sempre um “útero matricial”, além de conter diversas “marcas materiais” e afetivas da sua vivência; e ainda de Pedro Mexia (2005), que salientou: “O episódio chama a atenção para o modo como tratamos a nossa memória cultural e para as formas concretas que essa memória assume”.

⁵ Curiosamente, esse é o título de um livro de Michel Butor, *Le Génie du Lieu*, traduzido para português como *O Génio do Lugar* (Butor, 1963), numa narrativa memorialística evocativa da atmosfera de diversas viagens pela geografia mediterrânica. Já o recente estudo de Rachid Amirou (2012: 62 ss.) também se refere ao *génie des lieux*, mas num sentido algo diferente: reconhecendo a importância da *geografia do sagrado* na ancestral mobilidade espacial (por exemplo nas grandes peregrinações medievais), realça a tradição “sagrada” do turismo moderno, cujo imaginário contempla espaços de “devoção”, os seus dinâmicos “clerics” e, não menos importante, uma adequada “liturgia”.

⁶ O caso da mítica Casa Amarela, em S. Miguel de Seide, de Camilo Castelo Branco é ilustrativo, por exemplo na opinião de Agustina Bessa-Luís (1994: 24): “«Um prédio abandonado é mausoléu sem cruzeiros», disse Pascoais da casa de Camilo. Há nas casas dos homens trágicos uma sensibilidade própria, de reparação dessa presença obsessiva, quase um exorcismo feito sobre os objectos que eles utilizaram e que se destina a tornálos anónimos aos nossos olhos”.

⁷ Se dúvidas tivéssemos sobre a pertinência desta temática, bastaria consultar o elucidativo estudo organizado pelo crítico brasileiro Jorge Fernandes da Silveira (1999), sintomaticamente intitulado *Escrever a Casa Portuguesa*.

⁸ Francesca Premoli-Droulers (1995), *Writers' Houses*; edição francesa: *Maisons d'Écrivains*, Paris, Le Chêne, 1994, com introdução de Marguerite Duras (Premoli-Droulers, 1994: 9, 11).

⁹ O referido cronista Pedro Mexia (2005) disse-o com clareza, comentando a conhecida reação anti-biografista de muitos críticos literários: “As casas, claro, são apenas um aspecto da biografia. E a biografia, como sabemos, envolve paixões e perigos. Suponho que a biografia de um escritor é relevante quando acrescenta alguma coisa ao nosso conhecimento dos textos.” Deste modo, faz todo o sentido a dinâmica função promocional da obra de um escritor assumida pela Casa com o seu nome, com destaque para as Casas dos Poetas, com uma variada agenda cultural, como a Casa Fernando Pessoa (cf. Júdice, 1998).

¹⁰ Como o descuido que se abate sobre várias outras casas de escritores, segundo a reportagem jornalística de Sérgio C. Andrade (2008), em “Que fazer com estas casas?...”.

¹¹ Situações como esta evocam-nos o pensamento do escritor José Rodrigues Miguéis (2004: 22): “Nós, que a cada passo demolimos para reconstruir, geralmente em pior, e assim perdemos o senso da continuidade (que é a memória da espécie, e não apenas nostalgia ou culto do passado)”.

¹² Cf. Francesca Premoli-Droulers (1994); ver também *Les Maisons d'Écrivain*, de Georges Poisson (1997). Aliás, ainda recentemente, pensando nos horizontes do novo séc. XXI, a

UNESCO colocava esta pergunta a vários especialistas: “Que futuro para o património?” Reconhece-se que o interesse pelo património “explodiu” atualmente; mas que o seu conhecimento, preservação e divulgação enfrenta riscos consideráveis. Apesar de tudo, é indispensável como forma de assinalar a ação da própria humanidade ao longo da história: “O património tem esta propriedade de conferir espessura ao tempo” (AA. VV., 2002: 221).

¹³ São exemplos de um trabalho que urge amplificar, aprofundar e projectar além fronteiras os projectos das rotas de escritores, ou a publicação de uma série de roteiros, com o título de “Viajar com...”, editados pela Caixotim em parceria com a Direcção Regional da Cultura do Norte.

¹⁴ Em França, por ex., *Route historique des maisons d'écrivains*; ou *Fédération des maisons d'écrivain et des patrimoines littéraires*. Ou ainda a organização das *Maisons d'écrivains et tourisme culturel*, apostada em promover “la découverte des maisons d'écrivains et lieux d'écriture.

¹⁵ Tome-se o exemplo eloquente de guias existentes em outros países, como o organizado por Georges Poisson (2003), *Guide des Maisons d'Hommes & Femmes Célebres*, sobre mais de 600 casas de peregrinação cultural, do mesmo autor da bela síntese sobre *Les Maisons d'Écrivain* (1997), e reflita-se, séria e ponderadamente, no que falta fazer entre nós, não a nível “paroquial” (tendência congénita), mas num âmbito nacional e com os olhos postos a nível do mercado turístico global.

Referências

1

- AL BERTO (2001), *O Anjo Mudo*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- BESSA-LUÍS, Agustina (1994), *Camilo, Génio e Figura*, Lisboa, Ed. Notícias.
- BUTOR, Michel (1963), *O Génio do Lugar*, Lisboa, Arcádia.
- CLAÚDIO, Mário (2007), “As Casas de Garrett”, *O Eixo da Bússola*, Famalicão, Quasi, pp. 11-15.
- CORREIA, Natália (1993), “A Casa do Poeta”, in *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 428-9.
- MIGUÉIS, José Rodrigues (2004), *A Amargura dos Contrastes*, Lisboa, O Independente (edição de Vasco Rosa).
- RÉGIO, José (2001), “Toada de Portalegre”, in *Poesia I*, Lisboa, IN-CM.
- SARAMAGO, José (1994), *Cardernos de Lanzarote*, Lisboa, Caminho.

2

- AA. VV. (2002), *As Chaves do Século XXI*, Lisboa, Instituto Piaget.
- AGUIAR E SILVA, Vítor (2007), *Caminhos da Memória e do Saber (Esboço de uma geopoética e de uma antropologia literária do Minho)*, Guimarães – Casa de Sarmento, Universidade do Minho (fotografia de João Paulo Sotto Mayor).
- AMIROU, Rachid (2012), *L'Imaginaire Touristique*, Paris, CNRS Éditions.
- ANDRADE, Sérgio C. (2008), “Que fazer com estas casas?...”, jornal *Público* (20 de janeiro de 2008), pp. 24-25.
- BACHELARD, Gaston (1983), *La Poétique de l'Espace*, 11.ª ed., Paris, P.U.F [trad. port.: *A Poética do Espaço*, São Paulo, Martins Fontes, 1988].
- BERTHO-LAVENIR, Catherine (2009) *La roue et le stylo (comment nous sommes devenus touristes)*, Paris, Odile Jacob.
- CUNHA, Secundino (2007), *Casas de Escritores no Minho*, Guimarães, Opera Omnia, 2007 (fotografias de Sérgio Freitas).
- HENDRIX, Harald (2007), *Writers' Houses and the Making of Memory*, London, Routledge.
- JÚDICE, Manuela (1998), “Poesia e divulgação. Casas da Poesia”, *Românica*, n.º 7, Lisboa, pp. 187-203
- LEVI, Primo (2010), *O Dever da Memória*, Lisboa, Cotovia.
- LOURENÇO, Eduardo (1982), *O Labirinto da Saudade (Psicanálise mítica do destino português)*, 2.ª ed., Lisboa, Dom Quixote.
- MEXIA, Pedro (2005), “Casas de escritores”, jornal *Diário de Notícias* (15 de abril de 2005).
- NOURISSIER, François (2005), *La Maison Mélancolie*, Paris, Folio.
- PEREIRA, Gaspar Martins (2005), “Casas-históricas museus: património, memória e desenvolvimento”, 6.º Encontro do Comité dos Museus – Casas Históricas do ICOM-DEMIST.

- POISSON, Georges (1997), *Les Maisons d'Écrivain*, Paris, PUF (Que Sais-je?).
- (2003), *Guide des Maisons d'Hommes & Femmes Célèbres*, 7.^a ed., Paris, Éditions Horay.
- PREMOLI-DROULERS, Francesca (1995), *Writer's Houses*, Cassell, The Vendome Press.
- RIBEIRO, Paula de Oliveira (1997), *Casas d'Escritas*, Lisboa, Circulo de Leitores (fotografia de João Francisco Vilhena; pref. Eduardo Prado Coelho).
- SILVEIRA, Jorge Fernandes da (1999), *Escrever a Casa Portuguesa*, Minas Gerais, Univ. Fed. de Minas Gerais (UFMG).
- TOURNIER, Michel (2005), *Lieux Dits*, Paris, Folio.